

## CONTEXTO HISTÓRICO PARA A CHEGADA E POPULARIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE TERROR NO BRASIL

ÉRICA PILGER FILGUEIRAS<sup>1</sup>;

NADIA DA CRUZ SENNA<sup>2</sup>:

<sup>1</sup>UFPEL – Centro de Artes – o22203090o@gmail.com

<sup>2</sup>UFPEL – Centro de Artes – nadiadacruzsenna@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O trabalho discute a presença das histórias em quadrinhos de terror no Brasil, a partir do seu surgimento, pontuando aspectos preponderantes para a popularização deste gênero em nosso país. O estudo se iniciou na disciplina de Histórias em Quadrinhos, a partir de uma escolha pessoal em torno de um dos conteúdos programáticos, tendo sido apresentado em forma de seminário. O interesse pelo tema ganhou outras abordagens, que contemplam a revisão histórica e a pesquisa em poéticas. Para este trabalho interessa reconhecer o cenário de mudanças instalado no mundo ocidental no pós-guerra, que se reflete sobre a produção de quadrinhos de terror norte-americana e, como essas influências vão ser apropriadas ou rechaçadas pelo segmento de quadrinhos de terror no Brasil. A pesquisa bibliográfica se apoia, principalmente, nos estudos sobre quadrinhos de terror de Mark Kelley (2009), em torno dos *comics*, publicados nesse período e, na tese de doutorado de Luciano Henrique Ferreira da Silva (2012) sobre o gênero de horror nos quadrinhos brasileiros.

A chegada das histórias em quadrinhos de terror no Brasil aconteceu a partir de 1950, por meio da editora La Selva, desencadeando uma tradição editorial que se prolonga até hoje. Entretanto é essencial o entendimento do contexto histórico e social em que se encontrava o mundo durante esse período, pois este foi decisivo para o crescimento desse gênero no país.

O começo da década de 50 ocorre, nitidamente, o período de introdução do gênero de quadrinhos de terror nos EUA; com o decréscimo das vendas de histórias de super-heróis, no final da “Era de Ouro”, foi possível perceber um aumento da atenção do público para a ficção-científica (KELLEY, 2009). Posto isto, a EC Comics utilizou-se dessa oportunidade para começar a publicar, além de ficção, uma linha de terror, com histórias como *Tales from the Crypt* (1950) e *The Vault of Horror* (1950) (SILVA, 2012).

Entretanto, essas publicações exploravam aspectos polêmicos dos valores sociais e do conservadorismo político em um EUA situado no começo da Guerra Fria. Com um repertório de violência, crime, drogas e sexo, os quadrinhos de terror questionavam o *american way of life*. Sendo assim, “Ironicamente, os quadrinhos, um meio que apenas uma década antes servira como propaganda nacionalista, tornaram-se um alvo principal daqueles que acreditavam que a cultura popular estava levando a juventude americana em direção ao comunismo.” (KELLEY, 2009).

Tendo isso em vista, as novas revistas não se encaixavam nos temas considerados “aceitáveis” e os setores conservadores começaram a combater, categorizando elas como nocivas aos jovens. Desse modo, ocorreram uma série

de investimentos “científicos” para provar que histórias em quadrinhos de terror afetavam de forma negativa a literatura popular. Tudo isso proporcionou uma maior censura editorial no país, chegando até o governo utilizar do Comics Magazine Association of América (CMMA), para regulamentar as publicações (Comics Code (1954)), o que deixou muito mais difícil a publicação de quadrinhos com conteúdos que envolvessem horror, crime, sexo e violência.

Consequentemente, o esgotamento forçado das produções de quadrinhos de terror no território elevou as oportunidades de editoras de países como o México, Argentina, Filipinas e Brasil a fazer novos investimentos nesse gênero, importando histórias, traduzindo-as e adaptando-as, promovendo cursos e especializações para a produção desse tipo de publicação.

## 2. ATIVIDADES REALIZADAS

Para a realização deste trabalho, foi feita uma pesquisa aprofundada a partir da leitura de artigos e livros sobre a chegada e popularização dos quadrinhos de terror no Brasil, levando em consideração o contexto histórico e geográfico em que estava inserido.

Sendo assim, deu-se atenção às circunstâncias em que se encontrava os Estados Unidos a partir do final da Segunda Guerra Mundial, com o declínio da sua Era de Ouro, desencadeando a popularização do gênero de ficção científica e, apenas alguns anos depois, a volta dos Super-Heróis, já na era de prata, devido ao ambiente de Guerra Fria (KELLEY, 2009).

A situação no Brasil vai ganhar novos contornos, em função das restrições conservadoras em relação aos temas veiculados pelos *comics*, proporcionando o surgimento de editoras e profissionais, que implementam mudanças em termos de linguagem e técnicas. Aqui, ganham destaque as inter-relações que se estabelecem entre diferentes mídias, igualmente populares no Brasil, como as novelas de rádio, o cinema nacional, a literatura de cordel e as fotonovelas, que impactam as narrativas, visualmente e textualmente. A riqueza do folclore brasileiro, com histórias em torno de lobisomens e mulheres vampiras, lendas e “causos” de assombrações, são adaptadas para os quadrinhos, contribuindo para a popularização do gênero.

Somando-se a isso, a ação editorial no Brasil durante esse período também fez parte da pesquisa, tendo em vista que foi decisiva para o crescimento do terror no país.

A tradição editorial iniciada pela La Selva e pela Outubro, nos anos 50, vai impulsionar a emancipação e consolidação do gênero. Na sua esteira vão surgir editoras independentes, como a D-Arte, Vecchi, Penteado e Continental, especializadas em quadrinhos de terror, cujo sucesso vai impulsionar as publicações do gênero junto as grandes editoras no país: EBAL, Abril, Bloch, Record, entre outras. O investimento foi responsável pelo surgimento de novos artistas, roteiristas, coloristas, letristas e demais profissionais para atuar junto à indústria cultural nacional.

Jayme Cortez, Rodolfo Zalla, Flávio Colin, Eugênio Colonnese, Nico Rosso, Julio Shimamoto Gedeone Malagola e Mozart Couto são alguns dos grandes nomes do quadrinho nacional que ganharam reconhecimento pelas criações veiculadas nas revistas pioneiras “Garra Cinzenta”, “Calafrio” e “Mestres do Terror”.

Os anos 50 e 60 compreendem a fase mais profícuas da produção do gênero de terror no quadrinho nacional, existiam mais de 30 títulos disponíveis nas bancas, sob a forma de revistas, álbuns e coletâneas. Dentre as produções mais populares temos: Mirza, a mulher vampiro (1967), O Estranho Mundo de Zé do Caixão (1969), Lobisomem (1967), Múmia (1967), Histórias Caipiras de Assombração (1969).

Nos anos 70, apesar da censura, teremos os clássicos relançados em edições especiais: Sexta-Feira 13 (1977), Contos de Terror e Clássicos do Terror (1973), a revista Cripta, com material nacional, e a criação de Penadinho, o fantasminha brasileiro por Maurício de Souza.

Posteriormente foram separadas imagens de referências de capas de histórias em quadrinhos populares no Brasil na década de 50 e 60, além da criação de uma pequena linha do tempo especificando as fases dos quadrinhos de terror no Brasil.

A Garra Cinzenta	O TERROR NEGRO	CREEPY
precursora dos quadrinhos de terror brasileiros	principal período das publicações	queda na produção, por causa do regime militar
1930 - 1950	1951 - 1965	1968 - 1974
1975 - 1982	1982 -	
terceira fase do horror, caracterizada pelo investimento de grandes editores.	depois da crise econômica, muitas editoras encerraram suas atividades ou reduziram significativamente seus títulos de terror em circulação	

Linha do tempo – fases dos quadrinhos de terror no Brasil.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a pesquisa sobre o tema, é possível chegar a conclusão de que as histórias em quadrinhos além de serem um reflexo da sociedade na qual estão inseridas, também são um meio de expressão que a impactou e impacta profundamente, levantando questionamentos sobre a realidade e oferecendo um espaço para vários tipos de expressões artísticas.

Tendo isso em vista, a introdução dos quadrinhos de terror no Brasil não foi por acaso, há uma série de influências mundiais que levaram a esse acontecimento, principalmente tendo em vista a situação política e social dos Estados Unidos da América, durante o começo da Guerra Fria.

Além disso, com sua popularização no território nacional também proporcionou uma movimentação no mercado editorial permitindo a proliferação, a sobrevivência e o crescimento de muitos pequenos editores, desenvolvendo uma tradição nas publicações e no consumo de quadrinhos de terror no Brasil. Desse



modo, também houve a emergência de uma linhagem de novos artistas e de estilos diversificados.

Sendo assim, a leitura abriu os horizontes para um aporte interdisciplinar de pesquisa sobre a popularização de outros gêneros de histórias em quadrinhos no país, levando em consideração história, arte e literatura, além de aspectos sociais e políticos.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KELLEY, M. **The Golden Age of Comic Books: Representations of American Culture from the Great Depression to the Cold War.** 2009. Monografia (Especialização em História) - Marquette University, Milwaukee, Wisconsin.

PEDROSO, R. A. A. e POLATTO, R. C. **História em Revista**, Pelotas, 81-98, v. 28/1, 2022.

RAMONE, M. **A trajetória das HQs de terror no Brasil.** Universo HQ. Brasil, 2015. Disponível em: <https://universohq.com/materias/a-trajetoria-das-hqs-de-terror-no-brasil/> Acesso em: 20/09/2024.

SILVA, L. H. F. **O gênero de horror nos quadrinhos brasileiros: linguagem, técnica e trabalho na consolidação de uma indústria - 1950/1967.** 2012. 316 f. Tese (Doutorado em Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.